



NOME DO ALUNO: ANGÉLICA TINOCO

TURMA: 801

TEMA: 01/12 DIA MUNDIAL DA AIDS (OMS)

Lá estava eu, Roberta, nos meus 15 anos de vida, sentada na escada de uma velha igreja de muito bom gosto, admito; de onde sairia a passeata, proposta por alguns moradores do bairro, para mais um daqueles incentivos ao uso de preservativos em relações sexuais. Eu realmente achava isso hipocritamente repetitivo, mas dessa vez, foi diferente.

Eu sabia por que estava ali, e sentia essa necessidade. Na minha frente, uma cena me chamou atenção. Era um casal jovem, andando abraçados, com o braço do parceiro rodeando as costas da garota, coberta por um casaquinho vermelho. Ela o olhava com uma expressão carinhosa, enquanto ele, com uma certa malícia. Isso me fez lembrar do motivo por qual eu estava ali.

Foi naquela noite de um dos meus agitados finais de semana, depois de uma noitada. Um garoto alto, moreno, de olhos claros, sedutor. Ofereceu-me carona, e na hora eu pensei “porque não aceitar?”. Retoquei rapidamente a maquiagem e entrei em seu carro prata. No caminho, ele parou no acostamento e disse que não demoraria. Saiu do carro e desapareceu da minha vista, preocupadamente fui atrás dele. Um lugar encantador, com a lua refletindo sob a água e uma pequena vegetação rasteira ao redor.

- Você quer se entregar? Senti seu hálito quente perto da minha nuca. Pois é, eu me lembro de cada acontecimento detalhado, apenas até aí.

Depois disto, a excitação tomou conta de mim, sentir um corpo escultural e sensual sob meu domínio, me fez perder a cabeça, até demais. Porém, só percebi isto agora.

Passaram-se alguns meses, nunca mais o encontrei. Para ser sincera, anos.

Minha vida seguiu, sem nada a reclamar, até um certo dia.

Eu tinha andado muito mal. “Ataque de pneumonia” dizia a minha mãe. Depois de muitas febres, calafrios, dores musculares e até mesmo manchas na pele, eu fiz o diagnóstico. E a partir daí, nada mais fora igual.

Síndrome da imunodeficiência adquirida, ou mais conhecida como, AIDS. Segundo o médico, o vírus estava encubado em mim, durante anos e anos, o que dificultaria meu tratamento.

Quanto a escutar isto do médico não me afetara tanto quanto ver as lágrimas descendo pela face de minha mãe. A cada soluço de seu choro, era uma batida a menos do meu coração, eu sentia isto. E tive a sensação de que minha vida sempre esteve na minha mão, e eu a troquei, por minutos de tesão. Não me conformava, queria mesmo acreditar que eu era a vítima, por mais que eu soubesse que a culpa foi minha, sejamos realistas.

Meus olhos não mais enxergavam o mundo. Meu sorriso encondeu-se, como uma criança ao ver a escuridão. Senti-me perdida, em um lugar deserto, e algo obscuro aos poucos tomava conta da minha alma, deixando o medo, fazer todo o resto.

Nos anos seguintes, eu me preocupava mais com aproveitar os últimos minutos que me restavam, do que em fazer com que eles durassem mais. Tola. Percebi, que mais forte do que assumir, é enfrentar. Não a mim, não aos tratamentos, mais sim aos outros. Foi o que deduzi, naquele início de tarde, ao passar por algumas crianças na praça, brincando. Ou não.

Aquele menino, de aproximadamente 5 anos, parecia uma peste. Mas sei que não era só eu que achava isto, pois presenciei uma cena, que me diria, impiedosa.

Que estúpida teoria é essa de que os mais velhos são os mais fortes? Naquele momento, eu achava que os mais novos eram os mais indefesos. Aquela pedra vinda de uma criança de aproximadamente 9 anos, atingiu a cabeça do menino propositalmente, e as lágrimas dentro dele se intensificaram. Como se expremessem seu coração, e o corpo não fosse o suficiente para aguentar, mais do que a dor, a humilhação.

Não me conformei com tamanha injustiça sem motivo perceptível. Minha curiosidade não me deixara tomar nenhuma outra atitude a não ser aproximar-me.

- Menino, porque choras assim? Disse a ele, quando me agachei ao seu lado.

- Meus amigos me odeiam. Soluçando ele me respondeu.

- Pois pessoas assim não são seus amigos! Não aguentei isto dentro de mim.

Ele levantou a cabeça, com uma certa insegurança, mas ao mesmo tempo olhava fundo em meus olhos, fitando-me. Pude perceber quando suas lágrimas refletiam o brilho do Sol daquela tarde, mas um brilho inocente, mas de quem sofre. Aos poucos, recuperando-se dos soluços, baixinho ele me perguntou:

- Você é minha amiga?

A esperança vinda dele, de cada palavra, fez com que meus olhos se espelhassem no dele. Sem querer lhe molhei os ombros ao abraçá-lo.

Mas isto não respondia minha pergunta, ainda não via a conclusão. Até se aproximar uma senhora, aparentemente rabugenta, com um óculos fundo de garrafa e um cabelo grisalho. Que o gritava: "João! João!".

O menino me largou e saiu correndo para o encontro da senhora. Fui logo em seguida, e com a maior coragem, ou a menor indiferença, interroguei-a:

- Minha senhora, acabo de presenciar algo não tão agrável, uma injustiça com seu netinho. Pode me dizer se ele tem algo de errado?

- Ele não é meu neto e eu não sou sua senhora! Mas se todos sabem, que diferença há em você saber?! Ele deve morrer logo, tem aids. Aquela mulher desajuizada da mãe dele, morreu no parto e o deixou no mundo.

Senti como se ele fosse meu irmão, ao saber disto. Por mais agressividade com que escutei a resposta, sabia que no fundo desta mulher havia um sentimento de caridade por ele.

Mas não pude deixar de pensar o que seria do meu filho. Ele não terá culpa, mas ficará marcado, e irá ser injustamente julgado.

Nós não somos diferentes de um ser-humano. Acredito ao contrário, damos mais valor as pequenas coisas, pois sabemos o quanto são preciosas. Um sorriso pode mudar tudo, uma palavra mal pensada pode destruir um sentimento em um segundo. E eu deixo esta história como um presente irracional, para que ninguém nunca sinta-se derrotado. Com o tempo aprendemos, que amores eternos podem acabar em uma noite, que ouvir os outros pode ser o melhor remédio mas também o pior veneno. Que os poucos amigos que te apóiam na queda, são muito mais fortes do que os muitos que te empurram. Que o 'nunca mais' nunca se cumpre e o 'para sempre' sempre acaba.

Foi um filme da minha vida que passou-me pela cabeça, quando me deparrei, com as várias outras pessoas chegando para juntar-se a passeata, levantei a cabeça, a alma e o corpo. E fiz questão de lembrar, que ao decorrer da vida, cairei e levantarei milhões de vezes.. e ainda assim, não vou ter aprendido de tudo.

Autora: Angélica Tinoco.

